claviculário

onde se guardam todas as chaves

códigos de acesso

dos mil pares de asas de borboletas que anunciavam o
inominável

uma estranha e absurda leveza invadia o todo.
primeiro numa névoa fria que se misturava aos
cabelos a tocar os ombros, depois o desconforto no
estômago a ecoar o barulho ensurdecedor dos mil
pares de asas de borboletas que anunciavam o
inominável: a paixão. quando eu te falo, me falo e é
estranho e é bonito porque eu sei da tua resposta e sei
da próxima pergunta. reconheço. são apenas notas
musicais combinadas ao doce do teu perfume
acrescentado de cores e sorriso: você se revela e eu
me expando.

amanhã eu vou cortar o cabelo .

amanhã eu vou cortar o cabelo. vou cortar que é pra não ter o perigo das tuas mãos – dessas tuas mãos que tanto gosto – virem se esparramando pelo meu pescoço, se emaranhando pela minha nuca, desmanchando meus cachos, meus fios enrolados em espirais. eu vou cortar o cabelo amanhã pra não correr nunca mais o risco de ver você se aproximar de mansinho e com a ponta dos seus dedos – aimeudeusdocéu, com a ponta dos seus dedos – sentir você me tocar de leve e com volúpia. eu vou cortar o meu cabelo amanhã pra não ouvir o barulhinho bom e de acalanto do roçar da fibra capilar preta minha com a maciez da pele tua aveludada das pontas dos teus dedos.

cassiopeia

havam estrelas na pista de gelo. equilibravam-se em lâminas e navalhas. sem atrito, escorregavam. seus corpos controlavam - a sempre possível - queda. haviam também os flocos de neve caindo sob seus sobretudos dos não-acasos. as coisas, todas elas, acontecem. não precisam de justificativas. o engodo acontece quando: ou se fica parado esperando o tal do destino fazer sua parte ou ao cavalo desenfreado de uma vida inteira, deseja-se colocar as rédeas. saltemos, todos, as traves. sem palmas na linha de chegada, por favor.

a delicadeza do inexplicável
a primeira vez que vi mabel, sentada naquela mesa,
entre três amigos a discutir o próximo encontro anual
do raio que o parta da faculdade de direito, ela
gesticulava com tanta intensidade que as palavras
proferidas da boca dela confundiam minha percepção:
não conseguia distinguir se o som vinha do movimento
ou da aura que envolvia o corpo dela, não sei. assim
como não sei de muita coisa nesses tempos.. mas foi
justamente naquela primeira vez que vi mabel, ali,
ainda uma mera desconhecida, quando ela deixou de
lado todo o embalo duma quinta-feira à noite, seus
três rapazes e puxou a cadeira ao lado da minha, se
achegando à minha mesa e perguntando se por acaso
do destino eu deixaria ela comer aquela porção de
batata frita. mas é claro, eu disse. disse com um tom
de voz calmo, nem alto nem baixo: exato, assim sem
me revelar. e disse mais: disse que não acreditava em
destino e tudo na vida era um não-acaso. ela sorriu e
pediu outra coca cola. e eu a achei tão linda e decidida
quando olhou pro balcão e o garçom logo reconheceu
seu pedido; tão diferente de mim, que passo invisível
diante dos olhos de todos eles. a luz havia se acendido,
todas as luzes da cidade, a lua e a luz amarela que

sempre envolve o corpo inteiro dela emanando a delicadeza do inexplicável. conversamos algumas horas sobre amabilidades, possibilidades, entregas, nostalgias, cigarros lights, viagens nunca percorridas, xampus, toques de celular, maciez das mãos, o uso das vírgulas e dos porquês, aparelho ortodôntico, aquarelas, doces e maresia. tudo o mais, não foi dito. não precisou, nessa imprecisão da vida. mabel foi brincar em outro planeta, e, como era de se esperar, sentou numa outra mesa, com seus três mesmos amigos. enviou e recebeu mensagens em seu celular, pediu a conta, pagou no cartão de crédito universitário, procurou a chave do carro, me deu um beijo na testa e disse: um dia ultrapasso os medos todos. os meus e os teus. aí eu fico. mabel está.